

## ENTRE HISTÓRIA, FICÇÃO E INTERTEXTUALIDADE: O ROMANCE *SEDE*, DE AMÉLIE NOTHOMB

### BETWEEN HISTORY, FICTION AND INTERTEXTUALITY: THE NOVEL *SEDE*, BY AMÉLIE NOTHOMB

**Luciana Muniz Ribeiro<sup>1</sup>**

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

<https://orcid.org/0009-0001-8742-3481>

[mrluciana80@gmail.com](mailto:mrluciana80@gmail.com)

**Camila Soares López<sup>2</sup>**

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

<https://orcid.org/0009-0009-7691-1613>

[camila.lopez@ufu.br](mailto:camila.lopez@ufu.br)

**RESUMO:** Em *Sede* (2021), romance de Amélie Nothomb, Jesus narra seus últimos dias na Terra como alguém que partilha de sensações e sentimentos humanos, mas que também é dotado de poderes sobre-humanos. Esse conjunto de atributos nos possibilitou abarcar essa personagem por um viés tanto histórico quanto ficcional, aproximando, portanto, essas vertentes. Historicamente, entrevemos um indivíduo que viveu na Galileia, por muitos seguido, e posteriormente condenado à morte. Quanto à ficcionalidade, as citações anacrônicas da personagem nos despertaram o interesse por uma análise que possibilitasse compreender os entrelaçamentos e diálogos entre tais intertextos e a narrativa principal. Assim, selecionamos três exemplos intertextuais, os quais classificamos em três eixos: literário, religioso e filosófico. Estudar a intertextualidade por esse romance nos possibilitou vislumbrar aproximações entre a história e a ficção que circundam uma personagem milenar como Jesus, fazendo-nos compreender a possibilidade de se reescrever o passado em um presente em permanente mudança e (re)construção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intertextualidade; Jesus Histórico; Ficção; Amélie Nothomb; Sede.

**ABSTRACT:** In *Sede* (2021), a novel by Amélie Nothomb, Jesus narrates his last days on Earth as someone who shares human sensations and feelings, but who is also endowed with superhuman powers. These attributes allowed us to cover this character from both a historical and fictional perspective, nearing these aspects. Historically, we glimpse an individual who lived in Galilee, followed by many and later sentenced to death. As for fictionality, the character's anachronistic quotes aroused our interest in an analysis that would make it possible to understand the interlacings and dialogues between such intertexts and the main narrative. Thus, we selected three intertextual examples, which we classified into three axes: literary, religious, and philosophical. Studying intertextuality through this novel allowed us to glimpse similarities between history and fiction surrounding an ancient character like Jesus, helping us understand the possibility of rewriting the past in a constantly changing and (re)constructing present.

**KEYWORDS:** Intertextuality; Historical Jesus; Fiction; Amélie Nothomb; Sede

<sup>1</sup> Mestranda em Estudo Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

## 1. Considerações iniciais: intertextualidade e o universo de Amélie Nothomb

Na literatura, a intertextualidade pode ser considerada como canal de intersecção pelo qual os textos dialogam uns com os outros, mesclando presente e passado, criando, assim, novas narrativas e diferentes sentidos.

Samoyault (2008, p.10) entende a intertextualidade como a presença de um texto em outro texto, produto da memória que a literatura tem de si mesma, formando, desse modo, um mosaico de leituras universais. Ao discorrer sobre esse tema, a mesma autora faz uso do termo “biblioteca do escritor”, com o intuito de enfatizar a relação de influência, entrelaçamento e transposição entre os textos lidos previamente pelo autor (sua biblioteca) e sua própria produção literária. Corroborando essa ideia, Lopez (2007, p. 33) considera que a identificação dessa biblioteca viabiliza o diálogo com o leitor existente no escritor e com seu espaço de criação.

Nesse mesmo sentido, Compagnon (1996), ao caracterizar a citação como um dos tipos de intertextualidade, reforça essa relação direta entre leitor/escritor ao afirmar que:

A citação tenta reproduzir na escrita uma paixão da leitura, reencontrar a fulguração instantânea da solicitação, pois é a leitura, solicitadora e excitante, que produz a citação. A citação repete, faz com que a leitura ressoe na escrita: É que, na verdade, leitura e escrita são a mesma coisa, a prática do texto que é prática do papel. A citação é a forma original de todas as práticas do papel, o recortar-colar, e é um jogo de criança. (Compagnon, 1996, p. 29)

Dessa forma, consideramos que o estudo do intertexto e suas práticas se faz relevante na medida em que seu conhecimento nos possibilita uma melhor compreensão do processo de criação textual, tornando-nos leitores mais aptos no reconhecimento de suas multicamadas e diversidade de sentidos.

Nas obras da escritora Amélie Nothomb, a intertextualidade configura-se como uma importante característica (Verstichel-Boulangerv, 2021, p. 150). Em sua publicação sobre escritores(as) belgas, Bainbrigge (2004, p. 39) comenta que, na obra de Nothomb, a intertextualidade desempenha um papel preponderante, sendo possível identificar o uso de várias referências explícitas, bem como alusões, jogos de palavras, autocitação e paródia.

Para melhor compreender o repertório temático das obras de Amélie Nothomb, faz-se importante conhecer um pouco de sua biografia. Vinda de uma família aristocrata belga, de mãe católica e pai diplomata, a escritora nasceu em 1967, na cidade de Kobe, no Japão, país que influenciou grandemente suas obras, onde viveu seus cinco primeiros anos de vida e para onde retornou algumas vezes. Devido à ocupação do pai, sua infância foi marcada por várias mudanças, passando pela China, Birmânia e Nova York. Aos 17 anos, Amélie se mudou para Bélgica e iniciou seus estudos em Filologia Romana, em Bruxelas.

Em 1992, aos 25 anos, ela publicou seu primeiro romance, *Hygiène de l'Assassin*. Traduzida para várias línguas, inclusive o português, com o título *Higiene do Assassino*, essa obra tornou-se um grande sucesso e, a partir de então, a autora passou a publicar seus romances anualmente, com grande êxito, o que impulsionou a tradução de seus livros para mais de 40 idiomas. A escritora se autodefine

como uma “grafomaníaca” obcecada pela escrita, o que a leva a escrever três romances por ano para, entre esses, escolher apenas um para publicação (Nothomb; Savigneux, 2010, p. 3).

As obras de Amélie têm como característica a presença de diálogos dinâmicos e personagens intrigantes, com perfis psicológicos dissonantes. Soma-se a isso um texto fluido, salpicado de humor e ironia, a partir do que se obtém uma fórmula de leitura contemporânea muito atrativa. Todos esses atributos também colaboram para que a escritora seja vencedora de vários prêmios literários (Khelil, 2001). Segundo Amanieux (2005), Nothomb pode ser apresentada como uma autora dotada de uma vasta cultura. A pesquisadora descreve a escrita de Amélie como situada na fronteira entre os gêneros, já que seus romances são perpassados pela mitologia, história, filosofia e, ainda, pela literatura clássica, e comenta que os diálogos dão aos seus livros a vivacidade das peças de teatro.

Entre os romances publicados pela autora, destaca-se *Stupeur et Tremblements*, de 1999, premiado pelo *Grand Prix du Roman de l'Académie Française*<sup>3</sup> nesse mesmo ano e traduzido para o português em 2001, com o título *Medo e Submissão*. A obra em questão, além de ser um grande sucesso de vendas, foi também transformada em roteiro de cinema, com o filme sendo lançado em 2003. Contudo, apesar de *Stupeur et Tremblements* ser considerado seu sucesso de maior alcance, será o romance *Soif* (2019), traduzido para o português e publicado no Brasil com o título *Sede* (2021), e indicado ao prêmio *Goncourt*<sup>4</sup> 2019, a obra a ser considerada por Nothomb como o livro da sua vida<sup>5</sup>.

## 2. Do que se trata essa *Sede*?

*Sede* é o vigésimo oitavo livro publicado por Nothomb. Nesse romance, Jesus é a principal personagem e narra, em primeira pessoa, suas recentes memórias a respeito de seus últimos dias na Terra, incluindo sua crucificação. Podemos considerá-lo, portanto, como um narrador autodiegético que se expressa por meio de uma linguagem próxima da oralidade. Ao longo da narrativa, a personagem irá refletir sobre o que chamará os três pilares da humanidade, aqueles que dão sentido ao encarnar o ser humano: amar, morrer e ter sede, sendo o último o próprio título do romance.

Por meio de suas reflexões, Jesus se mostra como alguém que, por estar encarnado, conhece e compartilha de vários sentimentos e sensações humanas, como o medo, a dor, o desprezo, a tristeza, o desamparo, a cólera, a solidão, mas também o prazer, o amor e a alegria. Em suma, pode-se afirmar ser essa a tônica principal da narrativa em *Sede*: retratar um Jesus sobretudo humano.

No romance de Nothomb, a história tem início com a seguinte declaração do narrador: “Sempre soube que me condenariam à morte. A vantagem dessa certeza é que posso voltar minha atenção àquilo que merece: os detalhes” (Nothomb, 2021, p. 3). Para o Jesus recriado pela autora, os detalhes são

3 Prêmio anual, criado em 1914, concedido ao autor do romance que a Academia Francesa considerou o melhor do ano.

4 *Prix Goncourt*, ou Prêmio Goncourt, é um prêmio literário francês que condecora escritores de expressão francesa, criado por testamento por Edmond de Goncourt, concedido pela Academia Goncourt desde 1903. Com um júri composto por dez escritores, o prêmio é concedido ao melhor romance do ano. É considerado como o mais cobiçado prêmio literário da França (ENCYCLOPÉDIE LAROUSSE)

5 Entrevista concedida à rádio *Europe 1* em 29 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.europe1.fr/culture/amelie-nothomb-sur-son-roman-soif-cest-le-livre-de-ma-vie-3916684>. Acesso em 28 de mai. de 2023.

justamente os sentimentos humanos e as sensações permeadas pelo corpo – como a sede, que dá título ao livro. Sobre isso, a personagem afirma:

Tenho convicção incontestável de ser o mais encarnado dos humanos. Quando me deito para dormir, essa simples entrega me causa um prazer tão grande que preciso me conter para não gemer. Tomar o mais humilde ensopado ou beber água, mesmo que não esteja fresca, arrancar-me suspiros de volúpia se eu não me controlasse. Já me aconteceu de chorar de prazer ao respirar o ar da manhã. (Nothomb, 2021, p. 11-12)

É assim que Jesus dá ao corpo uma posição de centralidade, já que, para ele, ter um corpo é “a melhor coisa que pode acontecer, visto ser ele, o mediador das maiores alegrias” e, levando em conta essa perspectiva de sua estrutura física, em seu itinerário de reflexões ao longo do romance, uma das principais perguntas que Cristo busca responder é: por que aceitou a crucificação?

Essa questão é atravessada pela história de vida da autora, posto que, na mesma entrevista à rádio *Europe 1*, já mencionada anteriormente, Amélie Nothomb conta que escreveu o romance para, por meio do exercício da narrativa, poder responder a si mesma por que Jesus se deixou crucificar, questão essa que a angustiava desde criança e pela qual chegou a adoecer. Portanto, ao longo do livro, a autora cria uma narrativa analítica ficcional capaz de responder à indagação da personagem, ou, melhor dizendo, da escritora.

Apesar de considerarmos a interface humana de Jesus como a principal tônica da narrativa em *Sede*, no romance, essa mesma personagem é dotada de poderes sobre-humanos, sendo capaz de realizar milagres e antever acontecimentos, entre eles a existência de autores que só pisarão na Terra muitos séculos ou milênios após sua partida. Esse conjunto de atributos nos incitou a estudar essa personagem por um viés tanto histórico quanto ficcional, aproximando, portanto, essas vertentes. Em relação à ficcionalidade, as citações anacrônicas trazidas pela personagem nos despertaram o interesse por uma análise que possibilitasse compreender as relações de entrelaçamento e diálogos entre tais intertextos e a narrativa principal, sendo esse, portanto, o objetivo do trabalho.

### 3. Jesus de Amélie Nothomb: uma personagem historicamente atual

Ao se pensar em um “Jesus Humano”, como o concebido por Nothomb, podemos associá-lo à figura do “Jesus Histórico”. Sobre esse assunto, Chevitarese e Funari (2012, p. 9) afirmam que a existência do homem Jesus de Nazaré pode ser comprovada por fontes como os manuscritos do Novo Testamento, as escavações, as descobertas de *Qumran* (manuscritos do Mar Morto) e de *Nag Hammadi*, no Egito, os escritos judaicos e os testemunhos de fora do ambiente judaico-cristão. Os autores explicam, ainda, que foi no final do século XVIII, com o advento do Iluminismo, que a figura de Jesus começou a ser estudada como uma personagem histórica e não somente religiosa, ocorrendo, assim, o início das biografias de Jesus. Porém, na primeira metade do século XX, partindo principalmente dos estudos de Schweitzer, a busca do Jesus Histórico foi vista como impossível, em termos metodo-

lógicos. Já na segunda metade do mesmo século, após a Segunda Guerra Mundial, e com os avanços epistemológicos de importantes disciplinas, como Arqueologia, Antropologia, Filosofia e História, os estudos sobre Jesus Histórico são retomados, procurando-se compreender principalmente o contexto histórico, as situações humanas e sociais vivenciadas pelo nazareno e seus seguidores. Assim, com todos os estudos, pesquisas e evidências vigentes, poucos duvidam que tenha vivido há dois mil anos um homem chamado Jesus, que acabou liderando um grupo de seguidores e foi morto por crucificação, “pena comum para os não romanos e, em particular, para os revoltosos, como era a acusação de Jesus” (Chevitarese; Funar, 2021, p. 36). A partir daí, narrativas de fé, religião e ficção se misturam aos relatos e fatos históricos, formando um mosaico de história e literatura ficcional.

#### 4. História e Ficção: entrelaçamentos literários e seus desdobramentos em *Sede*

No que se refere às aproximações entre ficção e história, White (1994, p. 98) considera as narrativas históricas como “ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências” (White, 1994, p. 98). Com essa afirmação, o autor busca mostrar que a maioria das sequências históricas pode ser contada de inúmeras maneiras diferentes, levando a possíveis variações das interpretações e dos sentidos atribuídos ao mesmo evento. O autor conclui, então, que o modo como uma determinada situação histórica é configurada depende da sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura específica de enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular, o que, para ele, corresponde essencialmente a uma operação literária, criadora de ficção. Ainda sobre produção de sentidos o autor alega:

Outra maneira de conferir sentidos a um conjunto de acontecimentos que parece estranho, enigmático ou misterioso em suas manifestações imediatas é codificar o conjunto em função de categorias culturalmente fornecidas, como conceitos metafísicos, crenças religiosas, ou formas de estória. O efeito dessas codificações é tornar familiar o não familiar e, em geral, esse é o modo da historiografia, cujos “dados” sempre são imediatamente estranhos, para não dizer exóticos, simplesmente em virtude de estarem distantes de nós no tempo e de se originarem num modo de vida diferente do nosso. (White, 1994, p. 102)

Nesse contexto, White irá concluir que tanto a história quanto o romance adquirem sentido quando se atribui a um fato problemático ou obscuro o aspecto de uma forma reconhecível, familiar. Segundo o historiador, não importa se o mundo é concebido como real ou apenas imaginado, a maneira de dar-lhe um sentido é a mesma.

No romance de Nothomb, quando pensamos em “tornar familiar o não familiar”, isso nos remete à entrevista na qual ela afirma que desde sua infância a crucificação de Jesus lhe causava estranhamento. Para a autora, como já se mencionou, não era possível compreender por que Jesus se deixou ser crucificado. Dessa forma, a elaboração do romance veio dar sentido a esse estranhamento, tornar familiar o

não familiar, por meio de uma narrativa ficcional que tem como base intertextual a história bíblica de Jesus.

Hutcheon (1991, p. 141) reforça as ideias de White ao discutir sobre metaficção historiográfica e esclarecer que, no século XIX, o literário e o histórico eram considerados como ramos da mesma árvore do saber, a qual buscava interpretar a experiência com o objetivo de orientar e elevar o homem. Acrescenta ainda que as recentes leituras críticas da história e da ficção fortalecem essa aproximação, considerando-se que essas duas áreas obtêm suas forças a partir da verossimilhança, mais do que a partir de qualquer verdade objetiva.

Retomando a intertextualidade e seu papel nesse contexto, a mesma autora argumenta que história e ficção “parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa” (Hutcheon, 1991, p. 141). A autora prossegue em sua linha de pensamento explanando que a intertextualidade pós-moderna é uma manifestação formal do anseio em reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor, além de um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto. Seu objetivo não é esvaziar a história, mas sim confrontar diretamente o passado da literatura e da historiografia, pois esta também se origina de outros textos e documentos (Hutcheon, 1991, p. 157).

Esse mesmo propósito de, por meio da intertextualidade, ressignificar o passado em um novo contexto, descrito por Hutcheon, pode ser observado em *Sede*, na medida em que os intertextos recriam o que se entrevê como histórico, atribuindo novos sentidos a esse discurso.

## 5. Jesus e seus interlocutores: uma análise dos diálogos intertextuais em *Sede*

Ao se observar os aspectos intertextuais no romance estudado, em um primeiro momento, chamou-nos a atenção o número de citações recorrentes ao longo da narrativa em um processo de intertextualidade que, embora seja factual no que se refere à existência dos autores, é também ficcional, pois se passa de forma anacrônica, como se Jesus tivesse o dom sobrenatural de antever fatos e ações.

Posteriormente, em uma leitura mais atenta, sobretudo desses trechos, passamos a questionar, então, quais poderiam ter sido os motivos que levaram a escritora a escolher, dentro de seu repertório literário, este ou aquele autor(a), esta ou aquela citação, pois entendemos que tal processo não se dá de forma aleatória. Buscamos, assim, compreender as relações de entrelaçamento e diálogos entre os intertextos e a narrativa principal da obra, bem como as contribuições dessas relações para a produção de sentidos, no romance *Sede*.

Assim, ao longo de nossas leituras dessa obra, identificamos certos padrões que nos levaram a separar e classificar as citações e referências intertextuais por eixos temáticos, os quais nomeamos como *literário*, *filosófico e religioso* e dos quais selecionamos um exemplo de cada para o desenvolvimento das análises apresentadas a seguir.

## *Eixo literário: Jesus Cristo à flor da pele*

Não conheço o nome de um escritor por vir que dirá: “**A pele é o que há de mais profundo no homem**”. Ele vai beirar a revelação; porém, de todo modo, mesmo aqueles que o glorificarão não compreenderão o que há de concreto no seu discurso. Não é exatamente a pele, mas o que está logo abaixo. Ali reside a onipotência. (Nothomb, 2021, p. 21, grifo nosso)

A citação acima, a qual Amélie Nothomb usa em *Sede*, está presente na obra intitulada *L'idée fixe ou Deux hommes à la mer*<sup>6</sup>, do escritor, ensaísta e poeta francês Paul Valéry. Nascido em 1871, na cidade de Sète, na França, realizou seus estudos em Montpellier, mas residiu em Paris a maior parte de sua vida, onde trabalhou como redator no Ministério da Guerra. Iniciou, em 1889, a Faculdade de Direito, ao mesmo tempo em que publicou seus primeiros versos, fortemente influenciados pela estética da literatura simbolista e por Stéphane Mallarmé.

Após esse período, Valéry passou por um longo silêncio poético, em que optou por se dedicar aos estudos sobre o conhecimento de si e do mundo, os quais foram registrados e publicados em seus *Cahiers*. Em 1917 Valéry retorna à poesia com a publicação de *La Jeune Parque*, cujo sucesso foi imediato. Após a Primeira Guerra Mundial, dedicou-se inteiramente à literatura e foi aceito como membro da Academia Francesa em 1921. Suas obras costumam entrecruzar os mais diversos campos do saber (poética, linguística, psicologia, política, física, biologia etc.), com os mais variados meios de escrita (poemas, ensaios, traduções, peças e diálogos), fazendo do escritor um clássico e uma grande referência intelectual e literária.

A obra de Valéry, na qual a citação se encontra, foi escrita em 1932 e constitui-se de um diálogo entre duas personagens – uma narradora em primeira pessoa e um médico – que se encontram à beira-mar. Ambos são atormentados por uma atividade mental incessante (a ideia fixa) que os impede de alcançar a paz. Começam, então, um diálogo filosófico que vai da psicanálise a questões metafísicas, passando por temas como a origem dos pensamentos, a linguagem, o determinismo do comportamento e o estado do mundo. Em um dado momento da conversa, em que estão discutindo sobre o conceito das palavras “profundo” e “profundidade”, o médico pergunta ao seu interlocutor se é verdade que ele disse que o que há de mais profundo no homem é a pele. Segue trecho do diálogo:

– Em relação à superfície, *é verdade que você tenha dito ou escrito que o que há de mais profundo no homem é a pele?*

– É verdade.

– O que você quis dizer com isso?

[...]

– Lembrei-me do que se encontra em livros médicos sobre o desenvolvimento do embrião. Um belo dia faz-se uma dobra, um sulco, um envoltório externo...

– O ectoderma. E ele se fecha.

– Lamentável! Todo nosso infortúnio vem daí: corda dorsal! E então medula, cérebro, tudo que você precisa para sofrer e pensar... ser profundo... Tudo vem daí.

<sup>6</sup> A ideia fixa ou dois homens no mar (tradução nossa)

- E então?
- Bem, são invenções da pele. Por mais que nos aprofundemos, doutor, somos... ectoderma.
- Sim, mas existem os prolongamentos...
- Nós expandimos até às vísceras, mas em relação a elas, não dispomos de muita sofisticação. Nada que se assemelhe aos variados mecanismos para a difusão de sensações existentes nos ouvidos e nos olhos. (Valéry, 1932, p. 30-32, tradução nossa)<sup>7</sup>

Já em *Sede*, a citação aparece logo após Jesus descrever seu primeiro milagre, o qual também afirma ter sido o seu preferido: a transformação de água em vinho nas bodas de Caná. No romance, Jesus conta que foi nesse momento que descobriu a sua potência, ou seja, sua capacidade de operar milagres:

Foi então que de repente tive uma intuição. Disse:

– Trazei-me jarras d'água.

O dono da casa ordenou que me obedecessem, um grande silêncio se instalou. Se eu tivesse refletido, estaria perdido. O necessário era o oposto de uma reflexão. Eu mergulhei em mim. Sabia que o poder se alojava sob a pele e que podia acessá-lo se eliminasse o pensamento. Dei voz àquilo que, dali em diante, chamaria de casca, e não sei o que aconteceu. Durante um tempo insuperável, cessei de existir. (Nothomb, 2021, p. 16-17)

Um pouco mais adiante, Jesus explica que o poder do milagre vem do corpo, do que está abaixo da pele, da casca: “Também os milagres eu obtive pelo corpo. O que chamo de casca é físico. Ter acesso a ela supõe o aniquilamento momentâneo do espírito” (Nothomb, 2021, p. 20-21). A partir dessas reflexões evidenciadas pelos trechos em questão, podemos considerar que Jesus e a personagem de Valéry expõem um paradoxo: o órgão mais superficial do ser humano, a pele, é, também, o mais profundo.

Para defender sua tese, a personagem de Valéry faz uso de argumentos biológicos e afirma que tudo mais no corpo humano, mesmo os órgãos mais profundos, advêm da pele, do ectoderma. Contudo, para ele, nenhum desses órgãos mais profundos se equipara, em eficiência e perfeição, àquele que forma e dá forma ao corpo, permitindo também o contato com as sensações fornecidas pelos sentidos, como visão e audição, cujos órgãos situam-se superficialmente, na pele. “Tudo vem daí” (Valéry, 1932).

Já Jesus se apropriará da citação da personagem de Valéry para ilustrar seu conceito de que a grande potência humana, seu poder mais profundo, ao contrário do que se pensa, não emana do que

<sup>7</sup> A propos de surface, est-il exact que vous ayez dit ou écrit ceci : Ce qu'il y a de plus profond dans l'homme, c'est la peau ?

– C'est vrai.

– Qu'entendiez-vous par là ?

[...]

– Il m'est souvenu de ce qu'on trouve dans les livres de médecine au sujet du développement de l'embryon. Un beau jour, il se fait un repli, un sillon dans l'enveloppe externe...

– L'ectoderme. Et cela se ferme...

– Hélas !... Tout notre malheur vient de là... *Chorda dorsalis* ! Et puis, moelle, cerveau, tout ce qu'il faut pour sentir, pâtir, penser,... *être profond* : Tout vient de là...

– Et alors ?

– Eh bien, ce sont des inventions de la *peau* !... Nous avons beau creuser, docteur, nous sommes... ectoderme.

– Oui, mais... il y a des prolongements.

– Nous poussons jusque dans les viscères... Mais, de ce côté, nous n'avons pas d'appareils très perfectionnés. Rien qui ressemble aux combinaisons de mécanismes, à l'étalement de sensations qui se trouvent dans l'oreille et dans l'œil.

está dentro – o espírito – e sim do que está de fora – a pele; ou, para Jesus, o corpo. É ali, logo abaixo da pele, que se encontra a “casca”, aquela que opera milagres e é “onipotente”. Como já afirmado anteriormente, a tônica em *Sede* é posta sobre a humanidade de Jesus, sendo, nesse caso, o corpo o veículo imprescindível para essa condição e, por isso mesmo, dotado de tanto poder.

Partindo dessas considerações, é possível observar que, no diálogo de Valéry, a frase citada por Nothomb é abordada por um prisma biológico, sendo que, em *Sede*, ela assume um caráter mais metafísico, o que renova seu sentido e a coloca em diferente perspectiva. Ademais, essa percepção converge com a de Samoyault, quando considera que a citação carrega consigo a possibilidade de “transformar profundamente o texto do outro, deslocando-o, oferecendo-lhe um novo contexto, e de inscrever, por sua vez, seu próprio texto em relação” (Samoyault, 2008, p. 38).

Ainda sobre a citação e seus enfoques, daremos sequência à temática ao abordá-la no que denominamos eixo religioso, a ser discutido a seguir.

### *Eixo Religioso: Jesus Cristo e os demônios da humanidade*

Não ficar satisfeito com essa explicação e nomear o Diabo, o que não passa de uma baixeza latente, é adornar a mesquinha de uma palavra grandiosa e lhe atribuir um poder mil vezes superior. Uma mulher genial dirá um dia “**Temo menos o demônio do que aqueles que temem o demônio**”. Tudo está dito aí. (Nothomb, 2021, p. 84, grifo nosso)

A citação acima destacada pertence à Santa Teresa D’Ávila, também conhecida como Santa Teresa de Jesus, nascida em Ávila, na Espanha, em 28 de março de 1515. Aos 21 anos, entrou para o convento Carmelita e se tornou freira. Porém, em um dado momento, percebeu-se descontente com o que considerava como sendo uma vida pouco devotada dentro do convento, o que a motivou a reformar a Ordem das Carmelitas. Foi então que, em 1562, fundou a primeira casa das Carmelitas Reformadas ou Descalças, em que o objetivo principal era retomar os fundamentos de uma vida contemplativa, desprovida de bens materiais e dedicada à oração. Durante os vinte anos seguintes viajou por toda Espanha fundando dezessete conventos. Essa iniciativa lhe rendeu grandes conflitos com os religiosos da antiga ordem e até denúncias à Inquisição (Cohen, 2010).

Em suma, pode-se dizer que Santa Teresa combinou a vida religiosa contemplativa com uma vida de grande atividade e ousadia e registrou ambos os aspectos em seus livros, sendo um dos principais a sua autobiografia, intitulada *Livro da Vida*. No capítulo XXV deste livro, o qual também foi escrito como forma de se defender das acusações de heresia face as suas experiências místicas, Santa Teresa explica como se assegura de que tais fenômenos por ela vividos são obras divinas e não demoníacas e como passou a não temer mais tais demônios. Além disso, é também nesse capítulo que se encontra o trecho citado por Jesus, na obra de Amélie Nothomb:

Por que dizer demônio! demônio! se o podemos fazer tremer dizendo: Deus! Deus! Sim, pois sabemos que, se não lho permite o Senhor, não pode sequer mover-se. Que é isto? *É fora de*

*dívida que mais do que ao próprio demônio receio os que tanto o temem*, porque ele nenhum mal pode fazer-me, enquanto estes, mormente se são confessores, inquietam muito (D'Ávila, 1961, p. 201).

Nesse trecho de sua biografia, ao se referir ao “demônio/diabo”, Santa Teresa explicita a inutilidade em temê-lo, já que o mal maior mora nos homens, na humanidade, pois, assim como no caso de Jesus, são eles que ameaçam sua vida, visto que as acusações de heresia sofridas pela santa haviam partido justamente de seus confessores, “aqueles que tanto o temem”. Podemos considerar, assim, que a citação carrega consigo uma denúncia, travestida de uma certa ironia.

Já em *Sede*, a citação da frase de Santa Teresa aparece em um trecho da narrativa subsequente à crucificação de Jesus, momento este em que ele se encontra fixado na cruz, mas ainda vivo. Nesse ápice de suplício, Cristo permanece em constante fluxo de pensamentos e reflete sobre sua máxima: “Ama a teu próximo como a ti mesmo”. Ele chega à conclusão de que, se aceitou ser levado a uma morte “monstruosa, humilhante, indecente, interminável”, como a crucificação, é porque ele mesmo não foi capaz de cumprir a própria máxima, pois, segundo a personagem, quem aceita tudo isso não se ama, ou, ainda, tem ódio de si. Tal conclusão o força a admitir a lógica de que, então, ele odiou também os outros. Ao se deparar com tais evidências, inicialmente se pergunta se essa “comédia atroz” seria somente “uma obra do diabo”. Entretanto, logo em seguida se diz farto dessa figura, visto que sempre que as coisas vão mal ela seria invocada. Continua sua reflexão declarando não acreditar no demônio, já que esse seria uma personagem desnecessária, tendo em vista que, mesmo sem sua existência, já há mal suficiente na Terra. Acrescenta ainda que, ao olhar nos olhos das pessoas que assistiam ao seu suplício, era capaz de distinguir facilmente um mal suficiente para causar tanto seu infortúnio quanto todos aqueles passados e vindouros. Entre esses olhares, reconhece também o seu, associando a essa maldade o ódio por si mesmo e pelos outros, razão pela qual conclui ter aceitado a crucificação.

As pessoas que assistem ao meu suplício são, em sua maioria, o que a convenção manda chamar de pessoas boas, e o digo sem ironia. Olho em seus olhos e distingo facilmente um mal suficiente para causar tanto o meu infortúnio quanto todos aqueles passados e vindouros. Mesmo o olhar de Madalena o contém. Mesmo o meu. Não conheço o meu olhar e, no entanto, sei o que há em mim: aceitei o meu destino, não preciso de outro sinal. (Nothomb, 2021, p. 84)

É nesse momento, portanto, que as narrativas de Santa Teresa e Jesus irão se cruzar, sendo possível observar que a citação de Santa Teresa corrobora com a análise feita por Jesus a respeito da figura do diabo: o bode expiatório da humanidade cristã, aquele cujo nome é proferido pelos homens quando precisam de uma figura externa para responsabilizar e se redimirem da culpa pelo dano causado por seus erros ou más-ações. Podemos verificar, assim, que a citação de Santa Teresa pode ser considerada como uma ferramenta intertextual utilizada pelo autor para ilustrar uma convergência de opiniões, contribuindo, então, para sua validação.

Faz-se importante destacar também que, tanto na citação de Valéry, quanto na citação de Santa Teresa, Jesus não explicita o nome dos autores, o que nos faz inferir que, nas citações analisadas, a

figura de destaque é o texto e não o autor, já que, segundo Compagnon (1996), na medida em que o leitor recorta um fragmento de um texto para enxertá-lo em outro, esse fragmento adquire autonomia e passa, ele mesmo, a se constituir em um texto que, ao ser incorporado em outro espaço, irá adquirir novos sentidos, transformar-se em outro enunciado, o que, de certa forma, ao nosso ver, faz com que a autoria do texto de origem assuma um papel secundário. Assim, segundo o autor:

O trabalho da escrita é uma reescrita já que se trata de converter elementos separados e descontínuos em um todo contínuo e coerente, de juntá-los, de compreendê-los (de tomá-los juntos), isto é, de lê-los: não é sempre assim? Reescrever, reproduzir um texto a partir de suas iscas, é organizá-las ou associá-las, fazer as ligações ou as transições que se impõem entre os elementos postos em presença um do outro: toda escrita é colagem e glosa, citação e comentário. (Compagnon, 1996, p. 38)

Em outro momento dessa mesma obra, acrescenta que:

O mesmo objeto, a mesma palavra muda de sentido segundo a força que se apropria dela: ela tem tanto sentido quantas são as forças suscetíveis de se apoderar dela. O sentido da citação seria, pois, a relação instantânea da coisa com a força real que a impulsiona. (Compagnon, 1996, p. 48)

Dessa forma, podemos deduzir que, nas duas citações aqui apresentadas, o foco principal está no texto, o qual, de certa maneira, é reescrito à medida que ganha a perspectiva da personagem, ao ser inserido em sua narrativa.

Em contrapartida, no trecho selecionado para exemplificar o próximo eixo temático, essa estrutura se modifica, já que a citação, nesse caso, é indireta, e o nome do autor é mencionado, o que será evidenciado a seguir.

## *Eixo Filosófico: Jesus Cristo e a fé intransitiva*

Crer em Deus, crer que Deus se fez homem, ter fé na ressurreição, tudo isso soa trôpego. As coisas que desagradam ao ouvido são aquelas que desagradam ao espírito. Isso soa estúpido porque o é. **Não saímos do nível elementar, como na aposta de Pascal: crer em Deus é o mesmo que apostar suas fichas nele. O filósofo chega ao ponto de nos explicar que, seja qual for o desfecho da tómbola, saímos ganhando nesse negócio** (Nothomb, 2021, p. 124, grifo nosso).

Nesse fragmento, mais do que uma citação, podemos observar uma referência à Blaise Pascal e sua teoria conhecida como *Aposta de Pascal*. Matemático, físico e filósofo francês nascido em 1623, Pascal é conhecido por suas contribuições significativas em diversas áreas do conhecimento, além de ser considerado um dos maiores pensadores do século XVII. De saúde sempre frágil, Pascal faleceu em 19 de agosto de 1662, aos 39 anos. Apesar de sua vida curta, suas contribuições para diversas áreas

do conhecimento continuam a ser valorizadas e estudadas até hoje. Aos 16 anos Pascal já tinha feito descobertas notáveis. Entre as suas contribuições para a matemática, destacam-se a Geometria Projetiva e a Teoria das Probabilidades. Já na Física, Pascal contribuiu para o estabelecimento dos estudos sobre a pressão atmosférica e a mecânica dos fluidos. Sua obra *Tratado sobre o Equilíbrio dos Líquidos* estabeleceu os fundamentos da hidrostática (Bishop, 1936).

Sua vida sofreu uma mudança significativa após uma experiência mística vivida na noite de 23 de novembro de 1654, conhecida como *Episódio da Noite de Fogo*, momento esse em que o filósofo afirma ter sentido a presença direta de Deus, suscitando sua conversão ao cristianismo. Sua vivência desse êxtase foi por ele narrada na brevíssima obra intitulada *Memorial*, escrita nessa mesma noite. A partir de então, Pascal passou a se dedicar à religião e à filosofia por meio da escritura de textos, entre os quais inclui-se a obra *Pensées*, uma coleção de aforismos e reflexões filosóficas e religiosas sobre a natureza humana, a fé e a relação entre Deus e o homem. Foi também nessa obra, de publicação póstuma, que ele apresentou o argumento conhecido como *Aposta de Pascal*, e por ele assim resumida: “Deus existe ou não existe. Para que lado pendemos? A razão não pode determiná-lo. Temos que apostar. Pesemos o ganho e a perda. Se você ganhar, ganha tudo; se perder, não perde nada. Aposte, portanto, que ele existe, sem hesitar”<sup>8</sup> (Pascal, 1897, seção III, fr. 233, p. 56, tradução nossa).

Nessa proposta, Pascal argumenta que, sobre a existência de Deus, só há duas possibilidades: ou ele existe ou não existe. Porém, nossa razão seria incapaz de determinar qual dessas duas proposições seria verdadeira. Assim, ele considera mais vantajoso “apostar” que Deus existe. Em outras palavras, de acordo com o filósofo, não teríamos argumentos racionais suficientes para provar a existência divina, mas temos interesse em acreditar nisso. De forma simplificada, a aposta de Pascal consiste em nos mostrar que, se Deus não existe, o crente e o descrente quase nada perdem. Por outro lado, se Deus existe, o crente ganha tudo, ou seja, o paraíso, enquanto o incrédulo vai para o inferno por toda a eternidade. Portanto, é mais vantajoso que uma pessoa racional viva a sua vida de acordo com a perspectiva de que Deus existe, mesmo que seja impossível para a razão nos afirmar tal coisa.

Em *Sede*, a referência a Pascal e sua aposta está relacionada aos momentos finais do romance, em que Jesus reflete sobre sua fé e caracteriza como “intransitiva”:

Tenho fé. Essa fé não tem objeto. Isso não significa que eu não creia em nada. Crer só é belo no sentido absoluto do verbo. A fé é uma atitude e não um contrato. Não há alternativas a selecionar. Se conhecêssemos a natureza do risco no qual a fé consiste, esse impulso não passaria dos cálculos de probabilidades. Como saber se temos fé? É como o amor: sabe-se. Não é preciso nenhuma reflexão para determiná-lo. No gospel há *"And then I saw her face, yes I'm a believer."* É exatamente isso que mostra o quanto a fé e o estado amoroso se parecem: vemos um rosto e de repente tudo muda. Nem chegamos a contemplar esse rosto, apenas o vimos. Essa epifania é o suficiente. (Nothomb, 2021, p. 125)

Assim, para o Jesus recriado por Nothomb, e contrariamente ao que propõe Pascal, a fé não é

---

<sup>8</sup> Examinons donc ce point, et disons : « Dieu est, ou il n'est pas. » Mais de quel côté pencherons-nous ? La raison n'y peut rien déterminer. Il faut parier. Estimons ces deux cas : si vous gagnez, vous gagnez tout ; si vous perdez, vous ne perdez rien. Gagez donc qu'il est, sans hésiter.

algo negociável, passível de apostas ou permeada por condições. Ela simplesmente é. Dessa forma, podemos entender que a citação/referência que Jesus faz a Pascal e à sua aposta funcionaria como um recurso de contraponto à sua própria ideia.

Sabe-se que esse raciocínio de Pascal já foi contra-argumentado e refutado por vários outros filósofos, sendo considerado, portanto, um argumento frágil para a solução do dilema proposto (Saka, 2002). Assim, podemos deduzir que, ao citá-lo, Jesus o considera como um conceito elementar, no sentido de ser simplório, rudimentar

## 6. Considerações Finais

Este trabalho nos possibilitou entender a intertextualidade como uma corrente infinita de memórias e diálogos que se cruzam, promovendo a complexidade e diversidade das interações entre os textos, ampliando cada vez mais o espaço literário e, com ele, as possibilidades de elaboração e reelaboração de sentidos. Estudá-la, por meio desse romance, possibilitou-nos vislumbrar entrelaçamentos entre a história e a ficção que circundam uma personagem milenar como Jesus, fazendo-nos compreender a possibilidade de se reescrever ou rerepresentar o passado em um presente em permanente mudança e (re)construção. Acreditamos, portanto, que conhecer um pouco mais tais processos e potenciais dentro do texto nos tornou leitores mais atentos às multicamadas existentes em uma obra literária

Ademais, entendemos que a possibilidade que a literatura e a intertextualidade nos oferecem de recontar histórias, sejam elas fictícias ou não, permite-nos enriquecer nossos repertórios de análise e produção de sentidos, os quais, muitas vezes, extrapolam o contexto literário e tornam-se valiosas ferramentas práticas a serem usadas nas experiências de vida.

## REFERÊNCIAS

ACADÉMIE FRANÇAISE. *Paul Valéry*. Biographie. Disponível em: <https://www.academie-francaise.fr/les-immortels/paul-valery>. Acesso em: 15 jan. 2024.

AMANIEUX, Laureline. Amour, meurtre et langage dans l'oeuvre d'Amélie Nothomb. *L'Esprit Créateur*, v.45, n. 1, p. 79-86, 2005.

BAINBRIGGE, Susan. Identité, Altérité et Intertextualité dans l'écriture de Neel Doff, Dominique Rolin, Jacqueline Harpman et Amélie Nothomb. *Nouvelles études francophones*, v.19, n. 2, p. 31-42, 2004.

BISHOP, Morris. *Pascal: The life of genius*. New York: Reynal & Hitchcock, 1936.

CHEVITARESE, André Leonardo; FUNARI, Pedro Paulo A. *Jesus Histórico*. Uma brevíssima introdução. Rio de Janeiro: Klíne, 2012.

COHEN, John Michael. Introdução. In: D'ÁVILA, Santa Teresa. *O livro da vida*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução: Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

D'ÁVILA, Santa Teresa. *O livro da vida*. Tradução: Carmelitas Descalças do Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro. Petrópolis: Editora Vozes, 1961.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro, Imago, 1991.

KHELIL, Amélie. Amélie Nothomb ou l'aménité notoire : le périple d'une lecture plurielle, *Cahiers de Narratologie*, v.10, n.2, p.116-128, 2001.

LOPEZ, Telê Ancona. A criação literária na biblioteca do escritor. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, v.59, n.1, p.33-37, 2007. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252007000100016&lng=pt&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000100016&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 jan. 2024

NOTHOMB, Amélie. *Sede*. Tradução: Gisela Bergonzoni. São Paulo: Planeta, 2021.

NOTHOMB, Amélie. *Soif*. Paris: Éditions Albin Michel, 2019.

NOTHOMB, Amélie; SAVIGNEAU, Josyane. *Écrire, écrire, pourquoi?* Amélie Nothomb : Entretien avec Josyane Savigneau. Paris: Éditions de la Bibliothèque publique d'information, 2010.

PASCAL, Blaise. *Pensées*. Paris: Léon Brunschvicg, 1897.

SAKA, Paul. *Pascal's Wager About God*. The Internet Encyclopedia of Philosophy, ISSN 2161-0002. Disponível em: <https://iep.utm.edu/pasc-wag/>. Acesso em 12 jan. 2024.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Tradução: Sandra Nitrini. São Paulo:Hucitec, 2008. 160p.

VALÉRY, Paul. *L'idée Fixe ou Deux Hommes à la Mer*. Paris: Les Laboratoires Martinez, 1932. 131p.

VERSTICHEL-BOULANGER, Eolia. Le processus scriptural nothombien: une identité hybride. *HYBRIDA*, v.2, p.143-59, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.7203/HYBRIDA.2.20637> Acesso em 20 jan. 2024.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a crítica da Cultura*. São Paulo: Edusp, 1994. p.97-116.

**Artigo enviado em: 25 de janeiro de 2024**

**Artigo aceito em: 12 de maio de 2024**